

UNIVERSIDADE  
DO  
PARANÁ

LETRAS

FACULDADE  
DE  
FILOSOFIA

REVISTA DOS CURSOS DE LETRAS

Diretores: R. F. MANSUR GUÉRIOS  
GUILLERMO DE LA CRUZ-CORONADO

---

Curitiba - Brasil

⇒⇐

1959

⇒⇐

N.º 10

---

## OS NOIVOS de Alexandre Manzoni no Brasil

Luigi Castagnola

(Universidade do Paraná)

Alexandre Manzoni (Milão 1785-1873) é conhecido, no Brasil, desde os tempos de D. Pedro II. O famoso Imperador gostava de travar amizade e manter relações com os homens mais ilustres de sua época. Alexandre Manzoni foi um deles. Os arquivos da Casa Imperial do Brasil, no castelo D'Eu, em França, contêm a correspondência trocada entre Manzoni e D. Pedro II (1). O Imperador brasileiro teve para com o escritor italiano não somente simpatia, mas verdadeira admiração. Com efeito, Ferruccio Rubbiani, na introdução à edição italiana de "**I Promessi Sposi**", por êle publicada em São Paulo (2), falando da ode "**Cinque Maggio**" do poeta milanês, diz que "o Imperador D. Pedro II traduziu-a em português" (3). Desde então a fortuna de Manzoni, no Brasil, foi aumentando, e, nestes últimos tempos, não poucos homens de letras dedicaram sua atenção à obra poética e literária do romancista peninsular.

Aída Sereno Bianchini, catedrática de Língua e Literatura Italiana na Universidade do Brasil, conquistou a cátedra apresentando uma tese que versava sobre Manzoni; a professora Matilde Péttine, quando se doutorou em letras pela Universidade Católica de Campinas, apresentou a tese "**L'attualità dei Promessi**

**Sposi**"; na mesma Universidade, Graciema Faraco, por ocasião do encerramento dos cursos de língua e literatura italiana, comentou publicamente o tema "**Lo spirito fondamentale dell'opera lirica manzoniana**" (4); o professor Riccardo Averini ministrou, recentemente, cursos monográficos sobre Manzoni na Universidade de Minas Gerais e na Faculdade Católica "Santa Maria", de Belo Horizonte (5); Giuseppina Di Sano, da Faculdade de Filosofia de Lins, publicou, em 1958, o artigo "**I bimbi nei Promessi Sposi**" (6); Edoardo Querin, da Faculdade de Filosofia de São José do Rio Preto, publicou, em 1959, o artigo "**La funzione del dolore nell'opera del Manzoni**" (7).

O falecido prof. Ferruccio Rubbiani cuidou de uma edição em língua italiana do romance "**I Promessi Sposi**" (8), traçando, numa vibrante introdução em língua portuguesa, um perfil do literato lombardo e ilustrando também sua vultosa produção literária. Essa edição, entretanto, não contém todo o romance. "Suprimi — escreve Rubbiani na sua introdução — somente as partes nas quais o autor, mais que escritor de fantasia, é historiador. São as partes que o próprio Manzoni consentiu que o tradutor francês do romance suprimisse". Infelizmente a edição está eivada de muitos erros tipográficos.

Giúlio Davide Leoni, catedrático de Língua e Literatura Italiana na Universidade Católica de São Paulo e professor da mesma matéria na Universidade Mackenzie, publicou: a) "**Guida bibliografica per lo studio del Manzoni**" (9), e b) "**Storia e questione della lingua italiana dalle origini al Manzoni**" (10). O mesmo literato traduziu e publicou, em São Paulo, **Os Hinos Sacros de Alexandre Manzoni**" (11).

Certamente outros literatos brasileiros publicaram artigos e ensaios sobre Manzoni; lastimamos não os poder aqui mencionar por desconhecê-los. O interesse por Manzoni, no Brasil, é ainda demonstrado pelas traduções de "**I Promessi Sposi**", em língua portuguesa, feitas e publicadas nestes últimos tempos.

Achamos muito justificado o interesse que os estudiosos brasileiros das letras italianas têm pelo autor de "Os Noivos"; com efeito, já Francisco De Sanctis, escreve Attilio Momigliano, "encontrou para a arte deste romance, sempre nobre e jamais abstrata, uma fórmula mobilíssima: o limite do ideal" (12).

Volfgango Goethe, quando apareceu o romance, manifestara um juízo, a respeito da obra e do autor, que honra o gênio do literato alemão. Foi Eckermann que, em seu livro **“Conversações com Goethe”**, nos legou as palavras elogiosas de Goethe, relativas a Manzoni e ao seu romance.

“Tenho a declarar-lhe — relata Eckermann — que o livro de Manzoni sobrepuja tudo o que nesse gênero conhecemos. Não preciso dizer-lhe mais; o íntimo, que provém da alma do poeta, é sem dúvida perfeito; o exterior, assim como as descrições de localidades e imagens semelhantes, em nada lhe são inferiores, o que significa alguma coisa.

A impressão que nos dá essa leitura faz-nos continuamente cair da emoção à admiração e da admiração de novo à emoção, de modo que se está sempre sob o império de uma dessas duas impressões. Pensei que nada de mais elevado se poderia criar. Por êsse romance é que se chega a conhecer bem o valor de Manzoni. . . A cultura do espírito de Manzoni aparece no seu romance em tal elevação que dificilmente será igualada” (13).

Mário Praz, especialista em literatura inglesa, falando de Walter Scott, afirma que “nel suo delineare i ritratti di gente normale, lo Scott non riesce, come il Manzoni, a vedere da un angolo d’osservazione essenziale” (14), e que Manzoni de muito “superò il suo modello inglese” (15).

A opinião de Goethe não ficou isolada na Europa de então, Sainte-Beuve dizia que Manzoni vivia “na abundância das idéias”, o filósofo Rosmini julgava **“I Promessi Sposi”** uma maravilha: “A me pare il libro che segna una nuova epoca nell’italiana letteratura”; Monti pensava ter chegado Manzoni a uma altura que poucos poderão galgar. Fizeram-se também traduções do romance em tôdas as línguas e imenso foi o êxito entre o público e os críticos. Ao côro das vozes peninsulares — Tommaseo, Giordani, Gioberti, Niccolini, Péllico, etc. — acrescentavam-se as de Além-dos-Alpes: Fauriel, Chateaubriand, Lamennais, Cousin, Comte, Lamartine, Poe, Scott, Villemain.

Francisco De Sanctis que, no século findo, foi o maior crítico literário da Itália, abafava com seus estudos estéticos sobre Manzoni as vozes cheias de retórica de alguns anos retardados da crítica setária e pedante, dedicava a Manzoni um ano inteiro

“di corso universitario (1871-72), e lo consacrò grandissimo poeta e scrittore” (16).

A estrêla de Manzoni ficou brilhando cada vez mais no céu da literatura italiana e, conforme a opinião abalizada de Mário Sansone, a fama de Manzoni “sta saldissima e cresce dentro la vita spirituale della nazione” (17). De fato, é suficiente citar as palavras da luzida plêiade de críticos e historiadores peninsulares que, pelo número, pela qualidade, pelas obras e pela intuição estética, verdadeiramente isenta de qualquer partidarismo, próprio de antropóides e não digno de inteligências esclarecidas, honram a crítica e a história literárias da moderna Itália.

Mário Sansone: “L’opera e l’uomo (Manzoni) passarono vittoriosi attraverso il secolo decimonono e pervennero alla fortuna sempre più alta e costante del nostro secolo, che veramente ha il merito di aver consacrata definitivamente la gloria di Alessandro Manzoni e di averlo collocato accanto ai grandissimi nostri, Dante ed Ariosto ad esempio, lì dove hanno sede i geni, la cui opera segna un momento capitale non solo nella storia di una letteratura, ma, più ancora, nella generale storia dello spirito umano” (18).

Esse juízo de Mário Sansone não é isolado. O próprio Benedetto Croce, em 1952, depois de duas décadas de estudos estéticos, reconheceu plenamente a validade artística do grande romance.

Attílio Momigliano diz que não é possível encontrar em “**I Promessi Sposi**” nem sequer um “motivo fallito” (19), estando o livro na “esfera das obras-primas solitárias” (20), que a natureza “produz com intervalos de séculos” (21); a Itália não havia visto tamanha novidade desde séculos. Pareceu que um novo homem se debruçasse sobre a história da humanidade, continua Momigliano. Manzoni “se exprime com o auxílio de uma fantasia tão móvel que, para além de Ariosto e de Boccaccio, evoca Dante. Construções tão amplas e tão cheias não haviam ainda aparecido, depois da **Divina Comédia**” (22).

Também Mário Apollônio coloca Manzoni logo depois de Dante Alighieri “se non accanto a lui” (23). Da mesma opinião é o já mencionado Mário Sansone: “La straordinaria lucidità del Manzoni” deve-se “paragonare solo a quella di Dante” (24).

Natalino Sapegno: “Nell’opera di Manzoni... è in boccio il fiore della narrativa moderna” (25).

Francisco Flora definiu o romance nada menos do que “il continuo ritmo della vita” (26).

Artur Pompeati: “La **Divina Commedia** e i **Promessi Sposi** si guardano, a distanza di secoli, come le due massime espressioni poetiche della nostra civiltà cristiana” (27). E acrescenta com sua alta autoridade de crítico e historiador da literatura italiana: “Si può dire, io credo, che coi **Promessi Sposi** egli (Manzoni) creò l’epopea cristiana e romantica; la creò con tale classicità di linee, che dopo di lui comporre poemi divenne più che mai impresa disperata” (28).

Também no estrangeiro a fortuna de Manzoni é cada vez crescente. Em 1951, foi publicada, em Londres, a tradução integral de “Os Noivos”, feita por Archibald Colquhoun e teve um êxito extraordinário.

Nós queremos apontar aqui três traduções em língua portuguesa, editadas recentemente no Brasil.

1) **Os Noivos**, tradução de Marina Guaspari, Pongetti, Rio de Janeiro, 1950. Nesta tradução **Os Noivos** foram publicados, também, na coleção “A Nação”, pela Tipografia do Centro, de Pôrto Alegre.

2) **Os Noivos**, tradução direta do original, com respeito do estilo, por Luís Leal Ferreira, Editôra Vozes, Petrópolis, 1951.

3) **Os Noivos**, sem indicação do nome do tradutor, São Paulo, 1957.

A primeira dessas traduções não é integral ; até surpreende como a tradutora, seguindo um método e um critério que não parecem absolutamente louváveis, foi pulando continuamente trechos e períodos ao longo de todo o texto. Alguns dos trechos omitidos na tradução são dos mais conhecidos; por exemplo, “L’addio ai monti”.

A terceira tradução é superior à primeira; mas também nela faltam trechos e outros foram resumidos. O capítulo X, por exemplo, que conta a famosa história da “Monaca di Monza”, falta por completo. Em todo caso, é uma tradução que tem valor artístico.

A segunda tradução, a de Luís Leal Ferreira, é, sem dúvida, a melhor. Não somente é integral, contendo também a “Introduzione”, tão necessária para a compreensão do texto e da arte do romance, mas foi ainda minuciosamente cuidado o estilo. Luís Leal Ferreira fez uma boa tradução e contribuiu, incontestavelmente, para fazer conhecer, no Brasil, o maior romance da literatura italiana. Chamamos a atenção dos que, na Itália, se interessam pela fortuna de “Os Noivos”, no estrangeiro, sobre essa importante publicação.

Para dar uma amostra do valor das três mencionadas traduções, queremos aqui cotejar com o texto original italiano alguns trechos tirados das respectivas versões.

### Capítulo I.

#### Texto italiano.

Quel ramo del lago di Como, che volge a mezzogiorno, tra due catene non interrotte di monti, tutto a seni e a golfi, a seconda dello sporgere e del rientrare di quelli, vien, quasi a un tratto, a ristringersi, e a prender corso e figura di fiume, tra un promontorio a destra, e un'ampia costiera dall'altra parte; e il ponte, che ivi congiunge le due rive, par che renda ancor più sensibile all'occhio questa trasformazione, e segni il punto in cui il lago cessa, e l'Adda rincomincia, per ripigliar poi nome di lago dove le rive, allontanandosi di nuovo, lascian l'acqua distendersi e rallentarsi in nuovi golfi e in nuovi seni. La costiera, formata dal deposito di tre grossi torrenti, scende appoggiata a due monti contigui, l'uno detto di San Martino, l'altro, con voce lombarda, il **Rosegone**, dai molti suoi cocuzzoli in fila, che in vero lo fanno somigliare a una sega: talchè non è chi, al primo vederlo,

### Tradução de Marina Guaspari.

#### II

O ramo do lago de Como, que se estende para o sul, entre duas cordilheiras, recortado em enseadas e golfos, segundo a linha sinuosa das montanhas, assume de súbito aspecto de rio, entre um promontório à direita e uma larga ribanceira à esquerda.

Dir-se-ia que a ponte, entre as duas margens, está alí para tornar mais visível essa mudança, para assinalar o ponto terminal do lago e a nascente do rio Adda. Logo depois, divergindo novamente, as praias permitem que as águas se espreguicem, espraiando-se noutra série de golfos e de enseadas. A ribanceira, formada pelo sedimento de três torrentes, desce apoiada em dois montes contíguos: o monte de São Marinho e o “Resegone” denominação dialetal, originada pelos múltiplos cocorutos, enfileirados à maneira de dentes de serra: que

purchè sia di fronte, come per esempio di su le mura di Milano che guardano a settentrione, non lo discerna tosto. a un tal contrassegno, in quella lunga e vasta giogaia, dagli altri monti di nome più oscuro e di forma più comune. Per un buon pezzo, la costa sale con un pendio lento e continuo; poi si rompe in poggi e in valloncelli, in erte e in ispianate, secondo l'ossatura de' due monti, e il lavoro dell'acque. Il lembo estremo, tagliato dalle foci de' torrenti, è quasi tutto ghiaia e ciottoloni; il resto, campi e vigne, sparse di terre, di ville, di casali; in qualche parte boschi, che si prolungano su per la montagna (29).

Tradução do anônimo.

II

Dos dois braços que formam o lago de Como, um dêles dirige-se para o Sul, entre duas cadeias ininterruptas de montanhas, ora sobressaindo ora reentrando, recortando as margens numa seqüência de inúmeras baías e golfos. Quase de repente, aperta-se entre um promontório à direita e a costa à esquerda, formando corrente, como se fôsse um rio.

A ponte que neste sítio liga as duas margens torna ainda mais sensível à vista esta transformação, e parece marcar o ponto em que o lago acaba e o Adda começa, para tomar de novo o nome de lago, lá onde as duas margens, ao afastarem-se outra vez, permitem que as águas se estendam e se

o distinguem dos outros picos da extensa cadeia.

A rampa sobe, em suave declive, rompendo-se em planaltos e vales, em ladeiras e recôncavos, segundo a estrutura dos montes e o trabalho das águas.

À beira do lago, há saibro e seixos; mais para terra, campos, vinhedos, povoações, entremeadas de "villas", de casas rústicas e de matagais que se prolongam encosta acima. (30).

Tradução de L. Leal Ferreira.

III

Aquele braço do lago de Como que ruma para o sul, por entre duas cadeias ininterruptas de montanhas, cheio de enseadas e de golfos, conforme as saliências e reintrâncias daquelas, quase de repente vem a estreitar-se e a tomar curso e figura de rio, entre um promontório à direita e uma ampla costa do outro lado; e a ponte que aí liga as duas margens parece tornar ainda mais sensível aos olhos essa transformação, e assinalar o ponto onde o lago termina e o Adda recomeça, para retomar depois nome de lago no ponto onde as margens, afastando-se novamente, deixam a água espriar-se e moderar o seu curso em novos golfos e em

espraíem em novos golfos e novas baías.

A costa, formada pelas aluviões de três caudalosas correntes, desce para o lago desde a falda de dois montes contíguos, um chamado **San-Martin**, e o outro, em dialeto lombardo, **Rosegone**, mercê dos numerosos cabeços que o encimam tão regularmente alinhados, que lhe dão a aparência de uma **serra**. Por esta simples indicação não há, pois, ninguém, que à primeira vista, estando colocado de frente, por exemplo, do lado do Norte das muralhas de Milão, a não distinga logo, no meio dêste vasto e longo panorama, de outros montes de um nome mais obscuro e de um feitio mais vulgar que compõem aquela cordilheira.

Até uma certa distância, a costa vai-se elevando em declive uniforme e suave, tornando-se depois escarpada e anfractuosa, formando montículos, além pequenos vales, nuns pontos arrendando-se em cristais, noutros erguendo-se em planaltos, segundo a ossatura das duas montanhas e a ação contínua das águas. A beira extrema da margem, entrecortada pelas bôcas das torrentes, é quase inteiramente formada de cascalho e grandes calhaus; o resto cobre-se de campos e vinhedos, recamado de vilas, de aldeias e casas de campo; em diversos lugares, surgem arvoredos que sobem pela encosta, galgando até ao cimo da montanha (31).

novas enseadas. A costa, formada pelo depósito de três grossas torrentes, desce apoiada em dois montes contíguos, um chamado de S. Martinho, e outro, em linguagem lombarda, o **Resegone**, pelos seus muitos cumes em fila, que na verdade o fazem assemelhar-se a um serrote: de tal sorte que não há ninguém que, ao vê-lo pela primeira vez, mesmo de frente, como por exemplo do alto dos muros de Milão que olham para o norte, por um tal indício desde logo não o distinga, naquela longa e vasta cordilheira, das outras montanhas de nome mais obscuro e de forma mais comum. Por boa extensão a costa sobe em declive lento e contínuo; depois quebra-se em morros e em pequenos vales, em ladeiras e esplanadas, conforme as estruturas dos dois montes e o trabalhos das águas. A orla extrema, talhada pelas fozes das torrentes, é quase toda de saibro e de seixos graúdos; o resto são campos e vinhas, semeados de aldeias, de casas de campo, de arraiais, em algumas partes matas que se prolongam montanha acima (32).



Capítulo XXIII

Texto italiano.

Quel matto birbone di don Rodrigo! Cosa gli mancherebbe per esser l'uomo il più felice di questo mondo, se avesse appena un pochino di giudizio? Lui ricco, lui giovine, lui rispettato, lui corteggiato: gli dà noia il benessere; e bisogna che vada accattando guai per sè e per gli altri. Potrebbe far l'arte di Michelaccio; no, signore: vuol fare il mestiere di molestar le femmine: il più pazzo, il più ladro, il più arrabbiato mestiere di questo mondo; potrebbe andare in paradiso in carrozza, e vuol andare a casa del diavolo e piè zoppo. (33).

II

E êsse cão raivoso, êsse Dom Rodrigo, que lhe faltaria para ser a pessoa mais feliz dêste mundo, se tivesse apenas dois dedos de juízo? Rico, novo, todos o respeitam, todos o cortejam... e o desgraçado, por ter felicidade a mais, anda para aí a arranjar barafundas para êle e para o próximo. Êle que podia levar uma vida regalada, divertir-se, comer e beber muito à sua vontade, não senhor: mete-se-lhe em cabeça andar atrás das mulheres, que é a coisa mais disparatada, mais ingrata, mais excomungada que eu conheço. O idiota podia ir para o céu de carruagem e prefere ir para o inferno de pé coxinho (35).

I

Êsse doido... dom Rodrigo... que é o que lhe falta, para ser o homem mais feliz dêste mundo? Se tivesse uma pitadinha de juízo!... Rico, moço, benquisto, requestado... Fartou-se de passar bem. E lá vai catar aborrecimentos para si e para os outros. Poderia subir ao paraíso de carro, e prefere descer ao inferno, coxeando! (34).

III

Que louco tratante esse Dom Rodrigo! Que é que lhe faltaria para ser o homem mais feliz deste mundo, se tivesse sequer um pouquinho de juízo? Ele rico, ele moço, ele respeitado, ele cortejado; aborrece-lhe o bem-estar, e há de ele ir arranizando amofinações para si e para os outros. Poderia passar uma vida regalada, mas não senhor: quer fazer profissão de molestar as mulheres; a mais louca, a mais ladra, a mais endiabrada profissãso deste mundo; ele poderia ir de carro para o paraíso, e quer ir mancando para a casa do diabo. (36).

Capítulo XXX.

Texto italiano.

“Ah porci!” esclamò Perpetua. “Ah baroni!” esclamò don Abbondio; e, come scappando, andarono fuori, per un altr’uscio che metteva nell’orto. Respirarono; andarono diviato al fico; ma già prima d’arrivarci, videro la terra smossa, e misero un grido tutt’e due insieme; arrivati, trovarono effettivamente. in vece del morto, la buca aperta. Qui nacquero de’ guai: don Abbondio cominciò a prendersela con Perpetua, che non avesse nascosto bene: pensate se questa rimase zitta: dopo ch’ebbero ben gridato, tutt’e due col braccio teso, e con l’indice appuntato verso la buca, se ne tornarono insieme, brontolando” (37).

II

O trecho falta, bem como faltam por completo os capítulos: XXVIII, XXIX, XXX, XXXI, XXXII (39).

I

— Ah! porcos! — berrou Perpétua.

— Ah! Velhacos! fez-lhe éco o vigário.

E correram os dois à horta, ao pé da figueira. A terra revolvida, a cova escancarada e vazia tiraram a ambos a fala. Ao primeiro estupor, sucedeu uma troca inútil de objurgações e de protestos (38).

III

“Ah porcos!” exclamou Perpétua. “Ah patifes!” exclamou Dom Abbondio; e, como que fugindo, saíram para fora por uma outra porta que dava para a horta. Respiraram; foram direito à figueira; mas já antes de lá chegarem viram a terra revolvida, e ambos juntos soltaram um grito; chegados ao pé, efetivamente acharam. em vez do tesouro, o buraco aberto. Aqui surgiram aborrecimentos: Dom Abbondio começou a ralhar com Perpétua, por não ter escondido bem; pensem se esta ficou calada: depois de haverem gritado bastante, ambos com o braço estendido e com o indicador apontado para o buraco, de lá voltaram juntos, resmungando (40).

E, agora, umas ligeiras observações.

O nome do monte “San Martino”, foi traduzido por “São Marinho”, na primeira tradução, por “San-Martin”, na segunda, e por “S. Martinho”, na terceira. A terceira forma é, sem dúvida, a melhor. Com efeito, “Marinho” deriva de “**marinu**, do mar” (41), e corresponde ao italiano “marino”; ao passo que “Martino” deriva do latim “**Martinu**, derivado de **Mars**, Marte” (42). Camões diz nos **Lusíadas**:

Êste será Martinho, que de Marte

O nome tem co' as obras derivado.

(X, 67, 1-2)

A forma usada pelo segundo tradutor — “San-Martin” — não é nem portuguesa nem italiana.

O trecho “talché / più comune”, está resumido em seis palavras na primeira tradução. Mais do que uma tradução, a primeira é um resumo do romance italiano; de fato, o tradutor, pulando linhas e períodos ao longo de todo o texto italiano, deixou de traduzir, mais ou menos, 250 páginas de “I Promessi Sposi”! Por êsse método é absolutamente impossível avaliar o que são “Os Noivos” de Manzoni.

O terceiro trecho, por nós citado, nem sequer aparece na segunda tradução, que deixou de lado muitos capítulos, por completo, e resumiu outros.

Achamos lastimável que o romance tenha sido traduzido nessas formas e assim apresentado ao público brasileiro. “Os Noivos” são um livro eminentemente artístico e de todo impossível se torna apreciar-lhe êsse valor em traduções tais como a primeira (I) e a segunda (II) aqui mencionadas.

Profunda estranheza causou-nos, também, não ter encontrado o nome sequer de Manzoni, nem mencionado o romance “Os Noivos”, num livro, publicado entre nós poucos anos atrás (43), “versando os problemas do romance universal, se não a sua filosofia”, como se lê na propaganda da capa. E a estranheza é ainda maior quando, continuando a leitura da propaganda da capa, informam-nos de que “através da mais viva e surpreendente evolu-

ção, desde suas origens até hoje, a história do romance é aqui (no livro mencionado: **Introdução ao Mundo do Romance**) seguida passo a passo, no esboço (44) e na fixação das figuras marcantes”, sendo o livro “uma tentativa de compreensão em que não se sabe mais o que admirar, se a lucidez do autor (45), os seus conhecimentos sôbre o assunto, ou o predomínio de um gênero muito discutido. . .” Afinal, a estranheza é completa quando, mais adiante, lemos (sempre na propaganda de capa) que o autor dêste ensaio (46) “levou cerca de três anos” para escrevê-lo, “empenhado num trabalho de pesquisa literária incomum (. . .) E pesquisa — note-se — que transcende dos limites gramaticais ou históricos simplesmente, para abarcar o terreno do pensamento e se situar no elevado plano da interpretação e da crítica” (47).

Note-se, finalmente, que o autor do ensaio fêz uma viagem de instrução literária pela Itália — terra em que “Os Noivos” são obra conhecida **lippi et tonsoribus**, diriam os antigos latinos —, visitando universidades, literatos, bibliotecas, críticos e escritores.

Finalizando, queremos salientar o mérito incontestável que grangeou Luís Leal Ferreira com sua tradução integral, brilhante e respeitosa do estilo e do texto. É para desejar, entretanto, que essa notável tradução fôsse um tanto melhorada. Vale a pena fazê-lo. Bem como é de almejar que, em futura edição, fôsse respeitada a ortografia oficial, em uso no Brasil. Esse voto e êste apêlo ao autor, da tradução e à editôra ficam aqui consignados, juntamente com os louvores mais sinceros, justos e merecidos.

Não passará despercebida, na Itália, essa tradução brasileira de “Os Noivos”, o grande livro, em prosa, da literatura italiana, digno de figurar ao lado do, outro grande livro, em versos, que a península mediterrânea deu à literatura universal: a **Divina Comédia** de Dante Alighieri.

- 1) Cf. *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*, vol. LV, "Inventário dos inestimáveis documentos históricos do arquivo da Casa Imperial do Brasil, no Castelo D'Eu, em França", vol. II, Rio de Janeiro, 1939, pp. 15 e 24.
- 2) A. MANZONI, *I Promessi Sposi*, Adaptação, Introdução e notas por Ferruccio Rubbiani, São Paulo, s. d.
- 3) *Idem, ibidem*, p. X.
- 4) Cf. *Rassegna Brasiliana di Studi Italiani*, São Paulo, 1958, n. 2, p. 61.
- 5) *Rassegna Brasiliana di Studi Italiani*, São Paulo, 1958, n. 2, p. 61.
- 6) Giuseppina DI SANO, *I Bimbi nei "Promessi Sposi"*, in R. B. S. I., 1958, n. 2, pp. 46-49.
- 7) Edoardo QUERIN, *La funzione del dolore nell'opera del Manzoni*, in R. B. S. I., 1959, n. 2, pp. 33-36.
- 8) Foi publicada em São Paulo pela Editôra-Livraria Umberto Ghiggino, sem data.
- 9) G. D. LEONI, *Guida bibliografica per lo studio del Manzoni*, São Paulo, 1951.
- 10) G. D. LEONI, *Storia e questione della Lingua Italiana dalle origini al Manzoni*, São Paulo, 1952, in "Revista da Universidade Católica", n. 2; G. D. LEONI, *Lezioni sul Manzoni*, São Paulo, 1951.
- 11) Alessandro MANZONI, *Os Hinos Sacros de Alexandre Manzoni*, tradução de G. D. Leoni, São Paulo, 1944.
- 12) Attilio MOMIGLIANO, *História da Literatura Italiana*, São Paulo, 1948, p. 361.
- 13) ECKERMANN, *Conversações com Goethe*, Rio de Janeiro, 1950, p. 252.
- 14) Mario PRAZ, *Storia della Letteratura Inglese*, Firenze, 1944, p. 282.
- 15) Mario PRAZ, *Rapporti tra la letteratura italiana e la letteratura inglese*, no volume *Letterature Comparete*, Milão, Marzorati, 1948, p. 186.
- 16) Mario SANSONE, *Alessandro Manzoni*, in *Letteratura Italiana - I Maggiori*, vol. II, Milão, Marzorati, p. 992.
- 17) Mario SANSONE, *ob. cit.*, p. 996.
- 18) Mario SANSONE, *ob. cit.*, p. 986.
- 19) Attilio MOMIGLIANO, *Storia della Letteratura Italiana*, Milão, 1950, p. 467.
- 20) Attilio MOMIGLIANO, *História da Literatura Italiana*, São Paulo, 1948, p. 362.
- 21) *Idem, ibidem*, p. 364.
- 22) *Idem, ibidem*, p. 364.
- 23) Mario APOLLONIO, *Storia della Letteratura Italiana*, Brescia, 1957, p. 415.
- 24) Mario SANSONE, *Storia della Letteratura Italiana*, Milão, 1957, p. 472.
- 25) Natalino SAPEGNO, *Compendio di Storia della Letteratura Italiana*, Firenze, 1948, vol. III, p. 177.
- 26) Francesco FLORA, *Storia della Letteratura Italiana*, Milão, 1953. vol. IV, pp. 210-287.
- 27) Arturo POMPEATI, *Letteratura Italiana*, Turim, 1953, vol. IV, p. 124.
- 28) Arturo POMPEATI, *ob. cit.*, p. 134.
- 29) O texto citado é o da edição Vallardi, Milão, 1954, p. 9.
- 30) Alessandro MANZONI, *Os Noivos*, Tradução de Marina Guáspari, Rio de Janeiro, 1950, p. 13.

- 31) Alexandre MANZONI, **Os Noivos**, São Paulo, 1957, p. 5. Tradutor anônimo.
- 32) Alexandre MANZONI, **Os Noivos**, Petrópolis, 1951, p. 9. Tradução de Luís Leal FERREIRA.
- 33) Alessandro MANZONI, *ed. cit.*, p. 345.
- 34) Alessandro MANZONI, **Os Noivos**, *ed. cit.*; trad. de M. Guaspari, p. 191.
- 35) Alexandre MANZONI, **Os Noivos**, *ed. cit.*; tradutor anônimo, p. 239.
- 36) Alexandre MANZONI, **Os Noivos**, *ed. cit.*; trad. de L. L. FERREIRA, p. 309.
- 37) Alessandro MANZONI, *ob. cit.*, pp. 455-456.
- 38) Alessandro MANZONI, **Os Noivos**, *ed. cit.*; trad. de M. Guaspari, p. 225.
- 39) Alexandre MANZONI, **Os Noivos**, *ed. cit.*; tradutor anônimo, p. 296.
- 40) Alexandre MANZONI, **Os Noivos**, *ed. cit.*; trad. de L. L. FERREIRA, p. 407.
- 41) Antenor NASCENTES, **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**, Tomo II, Rio de Janeiro, 1952, p. 192.
- 42) *Idem, ibidem*, p. 193.
- 43) Temístocles LINHARES, **Introdução ao Mundo do Romance**, Rio de Janeiro, 1953.
- 44) As citações, em língua portuguesa, que se encontram neste artigo, respeitam a ortografia usada pelos autores.
- 45) É êle, também, membro da Comissão Nacional para a escolha dos melhores romances brasileiros a serem premiados.
- 46) Um volume de 500 páginas seguidas.
- 47) Na Itália existe um "Centro Nazionale di studi manzoniani", que publica os "Annali Manzoniani". Mencionamos aqui os mais famosos críticos literários e historiadores italianos que, nestas últimas décadas, escreveram livros ou estudos valiosos sobre A. Manzoni ou "Os Noivos": Parenti, Torraca, Prémoli, Monticone, Baldini, Momigliano, D'Ancona, Bacci, Mazzoni, Barbi, Galletti, Santini, Piemontese, Ziccardi, Dusi, Sansone, Sapegno, Croce, Gentile, Angelini, Tonelli, Bosco, Rossi, Russo, Flora, Binni, Papini, Pellizzari, D'Ovidio, Parodi, Citanna, Calcaterra, Toffanin, Schiaffini, Migliorini, Donadoni, Pompeati, Sforza, Salvatorelli, Pistelli, Fassò, Ghisalberti, Bulferetti, Magri, Castellino, Apollonio, Scherillo, Belloni, Steiner, Nardi, Bacchelli, Lodi, Evola, Prezzolini, Guastalla, Petronio, Ulivi, Porena, Tosto, Spongano, Marazzan, Levi, Busnelli, Zottoli, Fossi, Scarpa, De Robertis, Borgese e muitos outros.

O número e a qualidade dos escritores, críticos e historiadores aqui mencionados são uma confirmação poderosa do que afirmamos a respeito do famoso romance.

**E questo fia suggel ch'ogni uomo sganni,**  
diria, num verso proverbial, Dante Alighieri.